



O exercício da filosofia e o *espírito livre* de Nietzsche

POR MARLOVA DE VARGAS MINATO

marlovaminato@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Uma das características do projeto de Nietzsche, em seus estudos sobre a formação da moral, fala sobre os conceitos de sentido e de valor, que são introduzidos com efeito de crítica em sua análise sobre a filosofia. Ocorre que para Nietzsche a filosofia desejável deveria ser uma crítica, propriamente, dos sentidos e dos valores. No entanto, sobrevém para essa questão que a filosofia moderna envolveu a teoria dos valores em concepções de crítica que elevaram a ideia dos fundamentos e dos princípios absolutos para responder aos problemas do mundo. Os chamados *operários da filosofia*, como expressão de Nietzsche, compõem a figura daqueles que se julgam aptos a exercer a crítica acerca dos problemas, a partir de derivações causais de simples fatos objetivos tornando os valores indiferentes a sua origem, afinal, esse modo de operação parte de princípios determinados. Essas posições criticam ou respeitam valores pondo uma origem diferente aos valores que referenciam. Ou seja, determinam a mesma ordem de análise dos valores sobre problemas de origens diferentes, valoram sem pensar na referência do valor que utilizam. Assim agem os *eruditos* funcionários da filosofia.

Aparece, para esse estudo, a necessidade real de pensarmos os problemas partindo da inspiração nitzscheana, ou seja, em termos de análise de valores: “a filosofia dos valores, tal como ele a instaura e a concebe, é a verdadeira realização da crítica, a única maneira de realizar a crítica total, isto é, de fazer a filosofia a “marteladas”.” (DELEUZE, 1976, p. 1). A realização da crítica implica em uma avaliação sobre o sentido que se atribui ao valor. Geralmente, levamos em conta os valores assim como aparecem para nós, como princípios estabelecidos. Vemos, através dessa análise, que são os valores ou fundamentos que contemplam as avaliações dos fenômenos que nos aparecem, ou seja,



que os valores supõem julgamentos. Entretanto, há que se rever outra possível distinção acerca do valor dos valores, que aparece quando percebemos que não são os valores que supõem avaliações, apreciações ou julgamentos, mas esses supõem valores incluindo o próprio valor que se avalia. É a partir deste movimento que acessamos o problema crítico da avaliação que revaloriza, melhor dizendo, o movimento do olhar sobre o valor dos valores, que transmuta o problema de sua própria criação, sua revisão sobre a avaliação dos fenômenos e de si.

Deleuze (1976) reconhece uma dupla tarefa de Nietzsche quando afirma que “a filosofia crítica tem dois movimentos inseparáveis: referir todas as coisas e toda origem de alguma coisa a valores; mas também referir esses valores a algo que seja sua origem e que decida sobre o seu valor.” Essa é a proposta para o filósofo genealogista e com ela se quer mostrar a oposição ao caráter absoluto dos valores. A genealogia de Nietzsche mostra, ao mesmo tempo, o valor da origem e a origem dos valores, marca o nascimento e os desprendimentos da origem na figura da diferença que há das análises a partir da origem e da distância originária do olhar sobre as coisas. Essa é uma atenção ao elemento de ação pela diferença dos modos de existência, sendo elemento de reação pela identidade valorativa sobre as coisas. Portanto, é um elemento de crítica do valor dos valores, assim como o é de criação e não é exaltação da identidade das coisas por suas origens, identidade de princípios. Há uma crítica de Nietzsche ao apego sobre a identidade valorativa dos princípios absolutos como maneira de julgar, uma crítica aos apegados à tradição de só pensar através da “identidade” dos valores universalizados: “Do alto deste sentimento de distância arrogaram-se o direito de criar valores ou de determiná-los: que lhes importa a utilidade”? (NIETZSCHE, 1985, I, p. 2)

Tal interrogação, cuja força se expressa na genealogia nietzschiana, faz referência aos filósofos amigos da sabedoria. Se havíamos percebido anteriormente que as avaliações, num momento de inversão crítica, exploram a revalorização dos valores e nisto acessamos o problema crítico e também criador de fenômenos ou sentidos, é perceptível também, que essa avaliação do peso das coisas e dos sentidos e relações disto ou daquilo pertença à filosofia no seu exercício nobre de interpretar. Porém, soa



das profundezas da tradição filosófica que deve haver a verdadeira natureza sobre todas as coisas, o problema das determinações universais abstratas, que mesmo não se afastando da tarefa de interpretar (e interpretar o mundo) assumem-se em máscaras, assim como, reincidem nas mesmas máscaras e na conservação dessa aparência, como se precisassem tomar emprestado essa força precedente para, então, garantir sobrevivência neste campo de forças. É desta maneira que o amigo da sabedoria pode nascer e crescer se apropriando dos ares contemplativos do antecessor que dominava. Vê-se, por esse motivo, a expressão do exercício filosófico de interpretação limitar-se à crença do crescimento da filosofia pela garantia de uma máscara que, verdadeiramente, exprimir-se-á na verdadeira natureza, lei e profundidade sobre as coisas.

Philosophos, como demarca Deleuze (1976), não quer dizer sábio, conquanto signifique “amigo da sabedoria”, o amigo da sabedoria é o sujeito que se vale da sabedoria como aquele que se serve de uma máscara e a faz servir para os fins estranhos da virtude das verdades eternas, mas essa postura do “anti-sábio”¹ é a garantia de sobrevivência. “Vemos entretanto que a arte de interpretar deve ser também uma arte de romper as máscaras, e de descobrir quem se mascara e porque, e com que sentido se conserva uma máscara remodelando-a.” (DELEUZE, 1976, p. 4).

A imagem dogmática do pensamento, que nos força conceber o amor pela verdade e, sobretudo, pelo pensamento que contém o verdadeiro e abole inclusive a faculdade de pensar, pois essa conduz ao erro, todas essas composições estão ligadas às formações passivas de conhecimento. De acordo com isso, tudo o que mostra oposição ao pensamento “verdadeiro” tem um único efeito sobre esse pensamento, que é a indução ao erro. Entretanto, até o valor que se dá ao conceito de erro merece atenção ainda que, neste caso, afirme a supremacia da imagem dogmática sobre o pensamento.

Pensar ativamente na crítica de Nietzsche é “agir de maneira intempestiva, portanto contra o tempo e por isso mesmo sobre o tempo, em favor (eu espero) de um tempo por vir” (NIETZSCHE, 1978, p. 3-4). Essa tarefa de formação é importante por dizer, que se

¹ DELEUZE (1976), p. 88.



a tarefa crítica da filosofia não for reanimada ativamente em cada época a filosofia morre, a figura do filósofo se apaga e com ela a imagem do homem livre. Deleuze faz a tradução desse espírito desta forma:

A corrente dos filósofos não é a corrente eterna dos sábios, ainda menos o encadeamento da história, mas uma corrente quebrada, a sucessão dos cometas; suas descontinuidade e sua repetição não se reduzem nem a eternidade do céu que eles atravessam nem à historicidade da terra que sobrevoam. Nem há filosofia eterna, nem filosofia histórica. A eternidade, assim como a historicidade da filosofia reduzem-se ao seguinte: a filosofia, sempre intempestiva, intempestiva em cada época. (DELEUZE, 1976, p. 88).

A partir das aproximações com essa nova imagem de pensamento e, sobretudo, do olhar sobre o sentido e o valor é perceptível a crítica acerca da arbitrariedade sobre o método, sobre o que conserva as leis de arbitrariedade do pensamento, e por fim, ao que mostra **baixeza**² na forma tirânica de valorar, pois inviabiliza a liberdade de deixar pensar. Inatual como a própria declaração de Nietzsche “Aprender a pensar: em nossas escolas perdeu-se completamente a noção disso...” (NIETZSCHE, 1985, II, p. 3) é a vontade de problematizar a forma como lidamos com essa hierarquia do saber nas escolas, enquanto processo de formação dos estudantes ou dos filósofos. Para vermos um novo sentido no exercício filosófico pensemos nos elementos que dão voz à diferença e a atividade do pensamento no seu exercício criador, o caminho que apareça a existência da consciência de si do *espírito livre*³ e a abertura aos processos para lidar com a criação do mundo, dos conceitos, da filosofia.

1.1 PROBLEMA

O problema em questão indica a necessidade de se pensar os processos formativos em educação. A acerbada crítica de Nietzsche aos ideais da modernidade nos coloca diante do cenário educacional atual: a indisposição perante o pensamento sobre a realidade existencial corrobora para um mal-estar de conformismo e degradação do homem. Se a cultura é o que pode redimir essa condição infernal da existência não-refletida, pode

² DELEUZE (1976), grifo do autor.

³ NIETZSCHE (1996), capítulo II destinado ao termo.



compensar o homem da própria natureza trágica, então se nota, neste ponto, a urgência de voltar o pensamento ao tão contraditório modelo historicista que vigora atualmente nos meios intelectuais das instituições de ensino, especialmente no ambiente escolar, que é o centro motriz do processo pedagógico para a formação do homem.

Para pensarmos a partir destes conceitos que envolvem, segundo a referência de Nietzsche, a visualização de uma completa inautenticidade da cultura, dessa cultura confundida com erudição, mais conveniente que tornar-se um verdadeiro educador é tornar-se um educador de si próprio. As considerações de Nietzsche são expressas para que as motivações do pensamento acerca do futuro da educação e das instituições de ensino não se afastem desse caminho, claramente: *Educar os educadores! Mas os primeiros deviam educar-se a si mesmos!*⁴

A educação de si, o comprometimento com a inteligibilidade da existência será um ponto importante que guiará esse estudo. A referência, aqui, é ao exercício da filosofia que preze, em primeiro lugar, pela liberdade e que manifeste a disposição da natureza em tornar-se inteligível a existência. O *espírito livre* de Nietzsche resguarda a tragicidade da vida ao afirmar-se, ao dar para si mesmo um sentido através de uma cultura, que é a evidência do inconformismo e da transvaloração.

Pensaremos essas questões a partir da reflexão guiada pela avaliação dos valores que vigoram na atualidade, valores outrora criticados, pois denunciavam a barbárie do conformismo e degradação do pensamento vigente. Tal reflexão também guiar-se-á pelo sentido de haver essa avaliação de valores tanto preconizados na obra de Nietzsche, na sua nova imagem do pensamento. A atenção a valoração dos valores dos quais falaremos; a construção genealógica dos conceitos, inclui a autêntica reflexão filosófica, cuja filosofia faz agir e não se conformar à função instrumental e utilitária de se conceber uma espécie de veracidade do conhecimento, de sacralidade dos princípios. Dessa forma, nos debateremos sobre a existência das possibilidades de criação, que

⁴ NIETZSCHE (2003), apresentação, p.7



remontam aos conceitos e a invenção de si mesmo, do *espírito livre*, para a formação do estudante criador, filósofo e livre.

1.2 HIPÓTESES

O embate destes estudos preconizará a crítica feita pela análise diferencial entre a tradição conservadora, que valoriza um sentido histórico de conformação das ideias e as aproximações de uma nova imagem do pensamento. Ou seja, estaremos entre a figura dogmática de um suposto pensamento universalizado e abstrato e a investigação do pensamento que reconhece novas possibilidades tanto de destruição como criação de si, como abertura e disposição ao inusitado. Dessa maneira nos aproximaremos da imagem criada por Nietzsche, que faz menção a *transvaloração* dos valores. Tudo isso, gera um movimento próprio e atento não mais às verdades da racionalidade, mas à possibilidade desterritorializada de encarar o pensamento e o pensador a partir dos sentidos da crítica. O que se enaltece é a alegria do pensamento criador (e criador de si); a tarefa do pensador é o exercício de interpretação, que não é realizável pelo funcionário da filosofia, o historiador, mas antes pelo avaliador do seu tempo e dos seus valores. Há a crença de que esse lugar de encontro com o pensamento está na escola, portanto, a importância de valorarmos sobre o que são esses processos formativos postos como resquícios de um pensamento dominante. Através da atenção aos sentidos e valores, que impregnamos sem valoração, pensamos nos encaminhar para a maior consciência sobre o que nos é próprio e aí o conceito sobre o *espírito livre* e, portanto, pensaremos no exercício filosófico nas escolas como nobre tarefa do filósofo criador.

1.3 OBJETIVOS

A comprovação das hipóteses sugeridas para o problema se dá na mesma forma incômoda que nos soam as críticas de Nietzsche: o suposto incômodo que se percebe hoje quando aceitamos, sem distinção, o que é dito sobre a veracidade do pensador e até o naturalismo para pensar a verdade nos induz a crer no pensamento negativado acerca do erro, o erro como forma de se afastar do pensamento verdadeiro. Todas as formas dogmáticas de conceber as coisas, de uma forma geral, fazem despertar uma



força que diz: “avalie!”. Se essa *força*, conforme essa inspiração de Nietzsche, for a que força violentamente, a que força o pensamento a pensar, há de se indicar que o seu caminho está no elemento do sentido e do valor, bem como, na súplica ao pensamento afirmativo do *espírito livre*.

1.4 METODOLOGIA

Considerar a função estratégica da filosofia para despertar problemas inatuais como, no caso deste ensaio, o problema da educação na figura dos estabelecimentos de ensino é um primeiro passo metodológico para alinharmos tanto a reflexão proporcionada pelo pensamento filosófico, muitas vezes solitário, como o estímulo à ação libertadora de não conformar-se com a imagem dogmática que quer determinar um pensamento, um agir e, propriamente, uma realidade. Portanto, a pesquisa historiográfica no tema permitirá acessar os conceitos e críticas sobre os quais Nietzsche, o filósofo da educação, magistralmente dedicou sua vida e seus escritos. *A revolução espiritual* exposta pelo filósofo compõe o elemento de inspiração deste estudo para buscar na realidade contemporânea aproximações do que foi objeto de severidade das críticas a sua época. Para tanto, há a proposta de adentrarmos esse universo temeroso da prática do educador, especialmente para investigar o limiar das relações didáticas entre professor e estudante no lugar, propriamente, dessa conflituosa relação que é o ambiente escolar. Assim, instigados pela legitimação da cultura que nos força violentamente a pensar, teremos Nietzsche como um Guia e, inconformados diante do excesso de castidade do *status quo* nos disponibilizaremos à empreitada de reprodução dos costumes, leis e valores demarcados na suposta investigação e conhecimento das instituições escolares, no contexto histórico-cultural local. Como as ideias de Nietzsche sugerem que educação é, sobretudo, um trabalho de auto formação, então, é esperado que esse estudo contemple o encontro das possibilidades de desconstrução e criação do pensamento com a cultura de fazer, da atividade de atuação nos estabelecimentos escolares, uma atividade para a vida.

1.4.1. FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO À BRASILEIRA



O presente trabalho caminha com o propósito metodológico de apresentar as motivações à pesquisa brasileira, sobre a recepção do pensamento de Nietzsche no Brasil e os seus vínculos para falar da expressiva *bildung*⁵. O contexto de interesse abarca o período de transição do século XIX-XX, no Brasil, marcado por transformações, especialmente na estética do pensar.

O horizonte de pesquisa se faz presente a partir do toque lítero-filosófico do romancista Graça Aranha, na sua obra *A estética da vida*. Para isso, dar-se-á passagem às ressonâncias de um *espírito livre*, que ecoam vívidas no devir do pensamento e tornam-se sensíveis a impulsos como este, que ensaiaremos durante este trabalho de pesquisa.

Nietzsche movimentava para a tessitura íntima: *formar-se a si em mesmo é a meta do homem no homem*. Fluidez, conforme veremos, que impregnou densamente Graça Aranha nos seus escritos, tanto quanto à sua abertura para tornar a palavra um acontecimento.

A partir dessas desmesuradas aproximações, lançadas aqui, como estímulo para *ver*⁶: há permissão para que se lhes mostrem através de nós, para o garimpo das nuances nas passagens e para a artesanaria dos desvios que tencionam forças para além de qualquer fixação, seja dos conceitos ou dos sentidos que tomarão o caminhar no instante da escrita.

Se for certo que nos ascultamos com o tempo e assim formamo-nos também, então, que afirmemos passagens ainda sem trilho, alarguemos o pensamento para deixarmos passar, talvez, àquilo que está em fluxo de perda. A noção de perda e de falta⁷, aqui

⁵ Falaremos, nesse percurso, do conceito de *Bildung* (no termo original), que perpassa o corpo filosófico de Nietzsche. Embora o conceito conste mais frequentemente nos textos do início da década de 1870.

⁶ Aprender a ver significa, sucintamente, a conquista de uma hierarquia para olhar à distância, sem instantaneamente reagir aos estímulos que surjam ou, de pronto, concluir. Fala-se, neste sentido, na visão que tem dedos para nuances. (EH, Por que sou tão sábio 2; KSA 6, p. 267)

⁷ O verbo empregado *abgehen* alude não diretamente o que efetivamente falta à cultura, porém àquilo que entrou em processo de perder-se. (CI, O que os alemães estão perdendo 1; KSA 6)



referida, atravessa a noção de *Bildung* e do cultivo, propriamente, no âmbito do *Geist*, do *espírito*, do *gênio* e da atmosfera cultural encravados nas forças criativas do homem.

Nietzsche⁸, em suas considerações sobre o que falta a nova Alemanha, fala do *Geist* – este tesouro de forças espirituais⁹. *Perder* essa atmosfera mostra a característica do assombro da *Bildung* alemã.

Graça Aranha nos interpela a respeito de interrogações para pensar a proposta estético-filosófica apresentada na obra *A estética da vida*, especialmente, pela intervenção crítica dirigida aos rumos da cultura brasileira. Veremos em Graça Aranha àquele que valoriza atividades específicas do espírito humano.

O que torna a palavra um acontecimento de abertura? A chance de poder fundir horizontes? A motivação para pensar neste estudo é resultado de um incômodo com a inautenticidade dos valores impregnados hoje sobre as máscaras arbitrárias, que velam o pensamento em sua forma criadora. Para qualquer obra não há um ponto de partida absoluto, como as representações da ciência e da filosofia tradicional, há um solo originário e uma inerência ao mundo que merecem interrogação e isso é uma arte de criação. A motivação é pensar os processos formativos importantes para serem apreciados, valorados, para nos guiarmos ao exercício da filosofia no seu lugar de criação. É entendido que o caminho para a coerência do educador não é apropriado aos homens apegados aos valores vigentes de conformismo diante das ideias correntes e, portanto, ajustados à fragmentação do pensamento dos ditos *especialistas*. Aqui, o pensamento é dado à interpretação, a filosofia é criação de conceitos que oportuniza a manifestação da natureza que quer tornar compreensível a existência na sua condição trágica. A cultura, porém, não se esgota no trabalho pela compreensão das

⁸ O âmbito semântico de *Geist*, em *O que os alemães estão perdendo*, está no horizonte do homem com vistas as suas capacidades espirituais, na medida em que se estruturam a possibilidade de formação e do cultivo de si.

⁹ (VIESENTEINER, 2006)



inconformidades da existência, mas se estende ao estabelecimento dos valores e resguarda a esperança de transformação da realidade.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Graça. A emoção estética na arte moderna. In: _____. Obra completa. Rio de Janeiro: INL, 1968a.

ARANHA, Graça. A estética da vida. In: _____. Obra completa. Rio de Janeiro: INL, 1968b.

COSTA, Cruz. Panorama da História da Filosofia no Brasil. São Paulo: Cultrix, 1959.

DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. Trad. Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora rio, 1976.

MACHADO, Roberto. Deleuze, a arte e a filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MACHADO, Roberto. Nietzsche e a verdade. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

NIETZSCHE, Friedrich W. Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino. In: Escritos sobre educação. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio, Loyola, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich W. Considerações extemporâneas. In: Os pensadores. Trad.

Rubens R. T. Filho. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

NIETZSCHE, Friedrich W. A genealogia da moral. São Paulo: Moraes, 1985. São Paulo: Moraes, 1985.

NIETZSCHE, Friedrich W. Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. Trad. Paulo César Souza. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich W. Ecce homo: como alguém se torna o que é. São Paulo: Max Limonad, 1985.

VIESENTEINER, Jorge L. A grande política em Nietzsche. São Paulo: Annablume, 2006.

UNAMUNO, Miguel. Do sentimento trágico da vida. São Paulo: Hedra, 2013.